



# POLÍTICA EXTERNA DOS EUA

NO SÉCULO 21



QUESTÕES REGIONAIS

AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA, SETEMBRO DE 2006

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



## AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA

Editor sênior	George Clack
Editor-gerente	Michael Jay Friedman
Editores colaboradores	Mark A. Betka Mildred S. Neely
Pesquisador de fotos	Kenneth E. White
Ilustração da capa	Tim Brown

Editora-chefe	Judith S. Siegel
Editor executivo	Richard W. Huckaby
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Revisora de português	Marília Araújo

Conselho editorial	Jeremy F. Curtin Janet E. Garvey Jeffrey E. Berkowitz
--------------------	---

**FOTOS DA CAPA ©AP Images:** (no sentido horário a partir do canto superior esquerdo) presidente George W. Bush e primeira-dama Laura Bush com estudantes na Grande Muralha da China; mulher iraquiana após ter votado em Bagdá; caxemirianos descarregam no Paquistão ajuda emergencial doada pelos americanos; menina congoleza com alimentos doados pela USAID; e secretária de Estado Condoleezza Rice em Moscou.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo eJournal USA — *Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores* — que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe e o chinês. Cada revista é catalogada por volume (o número de anos em circulação) e por número (o número de edições publicadas durante o ano).

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*  
IIP/T/CP  
U.S. Department of State  
301 4th St. SW  
Washington, DC 20547  
United States of America  
E-mail: [iiptcp@state.gov](mailto:iiptcp@state.gov)



## AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / SETEMBRO DE 2006 / VOLUME 11 / NÚMERO 3

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

### POLÍTICA EXTERNA DOS EUA NO SÉCULO 21

- |   |   |
|---|---|
| <p><b>2</b>    <b>Introdução</b><br/>CONDOLIEZZA RICE, SECRETÁRIA DE ESTADO</p> <p><b>3</b>    <b>Assuntos Africanos</b><br/>JENDAYI E. FRAZER, SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA</p> <p><b>10</b>   <b>Assuntos do Leste Asiático e do Pacífico</b><br/>CHRISTOPHER R. HILL, SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO</p> <p><b>16</b>   <b>Assuntos Europeus e Eurasianos</b><br/>DANIEL FRIED, SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO</p> | <p><b>22</b>   <b>Assuntos do Oriente Próximo</b><br/>C. DAVID WELCH, SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO</p> <p><b>28</b>   <b>Assuntos do Centro-Sul da Ásia</b><br/>RICHARD A. BOUCHER, SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO</p> <p><b>34</b>   <b>Assuntos do Hemisfério Ocidental</b><br/>THOMAS A. SHANNON JR., SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO</p> |
|---|---|



Departamento de Estado dos EUA/Janine Sides

Presidente George W. Bush discute seu plano global de combate à Aids no edifício Eisenhower Executive Office em Washington, D.C., em 1ª de dezembro de 2005, Dia Mundial de Luta contra a Aids

# Introdução



Departamento de Estado dos EUA

**E**m 1790, quando Thomas Jefferson assumiu o cargo de primeiro secretário de Estado dos EUA, sua equipe inteira era formada por um chefe de gabinete, três assessores e um mensageiro. A jovem nação mantinha missões diplomáticas — na Grã-Bretanha e na França — e dez postos consulares. Atualmente os Estados Unidos têm relações diplomáticas com cerca de 180 nações e mantêm mais de 250 postos diplomáticos espalhados pelo mundo. Por meio de instituições multilaterais, muitas sob a égide das Nações Unidas, interagimos com outras nações para discutir questões que vão da manutenção da paz e os direitos humanos até a ajuda humanitária e o comércio.

O objetivo da diplomacia americana é tão amplo quanto nossa representação diplomática no mundo. O presidente Bush disse em seu segundo discurso de posse: “A política dos Estados Unidos é buscar e apoiar o crescimento dos movimentos e das instituições democráticas em todas as nações e culturas, com o objetivo final de acabar com a tirania em nosso mundo.” Por ter assumido tal responsabilidade, os Estados Unidos enfrentam enormes desafios e oportunidades, comparáveis, acredito, aos enfrentados por nossos antecessores diplomáticos que, há sessenta anos, ajudaram a transformar países devastados pela Segunda Guerra Mundial em democracias prósperas, em aliados que se uniram a nós na longa batalha da Guerra Fria.

Para enfrentar os extraordinários desafios do século 21, o Departamento de Estado está praticando uma “diplomacia transformacional”. O objetivo da política de transformação é trabalhar com os outros para construir e manter Estados democráticos e bem governados que responderão às necessidades de seu povo e se comportarão de maneira responsável no sistema internacional. Procuramos usar o poder diplomático dos EUA para ajudar os outros a melhorar de vida e transformar o futuro.

Países como China, Índia, África do Sul, Indonésia e Brasil exercem um papel cada vez mais importante no cenário mundial. A reforma democrática começou e está se difundindo no Oriente Médio. Os Estados Unidos estão trabalhando com muitos de seus parceiros para promover a liberdade em cada canto do planeta.

Isso não é um trabalho de meses ou anos, mas de gerações. Ademais, enfrentamos problemas urgentes em toda parte, da ameaça global do terrorismo ao combate à Aids na África e em muitas outras regiões. Os Estados Unidos estão

ajudando a educar meninas no Afeganistão. Junto com outros países, utilizamos nosso poderio militar e econômico para levar a paz aos Balcãs, prestar assistência à região do Pacífico Asiático devastada pelo tsunami e ajudar as vítimas do terremoto no Paquistão. Estamos comprometidos a levar a paz à África Oriental, bem como a fortalecer a governança democrática e os direitos e liberdades fundamentais nas Américas. Junto com nossos parceiros europeus, estamos transformando instituições tradicionais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte a fim de atender às demandas no novo século.

Nos seis ensaios que se seguem, funcionários de primeiro escalão do Departamento de Estado, que lidam com nossas relações internacionais diariamente, revelam suas perspectivas sobre os objetivos políticos e as prioridades da diplomacia global dos EUA. Jendayi Frazer é secretária de Estado adjunta para a África, Christopher R. Hill é secretário de Estado adjunto para o Leste Asiático e Pacífico e Daniel Fried, para a Europa e Eurásia. C. David Welch é secretário de Estado adjunto para Assuntos do Oriente Próximo, Richard A. Boucher, para o Centro-Sul da Ásia e Thomas A. Shannon, para o Hemisfério Ocidental.

Embora os detalhes dos objetivos políticos dos EUA variem de região para região, um princípio comum governa todos os nossos esforços diplomáticos: defender a liberdade, o respeito pelo indivíduo e o compromisso com a oportunidade de uma vida melhor para todos os seres humanos do planeta.

Condoleezza Rice,  
Secretária de Estado

# Assuntos Africanos

Jendayi E. Frazer



Departamento de Estado dos EUA

Jendayi E. Frazer, secretária de Estado adjunta, Escritório de Assuntos Africanos

**M**inha visão e minhas prioridades para a política dos EUA na África derivam diretamente da ordem do presidente Bush de tornar o mundo mais seguro e melhor e da orientação da secretária sobre o uso do poder diplomático norte-americano para ajudar os cidadãos estrangeiros a melhorar de vida, construir sua nação e transformar seu próprio futuro. Traduzidas para a África, as prioridades fundamentais são apoiar a disseminação da liberdade política em todo o continente; expandir as oportunidades e o crescimento econômico; tratar do desafio ímpar da pandemia de HIV/Aids; e reforçar as iniciativas africanas que visam acabar com conflitos e combater o terror. Somos bem-sucedidos na medida em que os países africanos simplesmente assumem seu lugar na comunidade de democracias, construindo um sistema internacional baseado em nossos valores compartilhados e contribuindo para a paz e prosperidade globais. Em minha carreira acadêmica e durante meu trabalho para o governo, inclusive como embaixadora do meu país na República da África do Sul, estudei e aprendi muito sobre os desafios enfrentados pelo povo africano. Agora, como secretária de Estado adjunta, agradeço a oportunidade de trabalhar com nações africanas, aceitando esses desafios e ao mesmo tempo servindo a meu país.

Depois de 25 anos estudando e trabalhando na política americana para a África, posso atestar que jamais houve época mais auspiciosa para consolidar o progresso e as promessas do continente. A democracia está se disseminando na África, onde ocorreram mais de 50 eleições democráticas nos últimos quatro anos. A expansão econômica do continente vem ocorrendo há oito anos, e 20 países registraram crescimento nos últimos cinco anos. Seis guerras importantes terminaram nos últimos seis anos: em Angola, Burundi, República Democrática do Congo, Libéria, Serra Leoa e a guerra civil norte-sul do Sudão, que durou 22 anos. Os africanos estão assumindo o controle de seu destino coletivo por meio de instituições como a União Africana e de seu programa Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (Nepad), que contribui para melhor governança e laços mais amigáveis entre Estados. O Escritório de Assuntos Africanos está capitalizando essas mudanças históricas por meio de participação e ajuda na construção de instituições que sustentarão o progresso através das gerações. Estamos instituindo uma "Era de Parceria" com a África.



©AP Images

A primeira-dama dos EUA Laura Bush (em pé, ao centro) e o presidente de Gana, John Agyekum (à direita), no Centro de Treinamento de Professores de Acra, onde ela lançou o Programa de Livros Didáticos da Iniciativa para a Educação na África

## APOIO À DISSEMINAÇÃO DA LIBERDADE POLÍTICA NA ÁFRICA

Os Estados Unidos continuarão a apoiar as instituições essenciais à democracia — imprensa livre, judiciário independente, sistema financeiro sólido e partidos políticos fortes e atuantes. Nos próximos dois anos, o fortalecimento da infra-estrutura eleitoral será prioritário, uma vez que em muitos países africanos as eleições se tornaram pontos críticos de conflito: com frequência, os perdedores contestam os resultados, e as questões políticas passam para segundo plano em relação a roubo nas urnas e protestos de rua. Trabalharemos em duas áreas: (1) capacitação de comissões eleitorais nacionais independentes para conduzir eleições livres, justas e transparentes, gerando confiança pública; (2) estímulo a todos os candidatos e partidos políticos para que "ganhem seus votos" concentrando-se na prestação de serviços e em debates políticos. O trabalho com grupos da sociedade civil e a defesa da liberdade de imprensa continuarão sendo o núcleo dos meus esforços para promover e proteger os direitos humanos e as liberdades básicas.

As perspectivas são boas. Na década passada, mais de dois terços dos 48 países africanos realizaram eleições livres. Além disso, em 1990 a Freedom House (organização apartidária e sem fins lucrativos que promove a democracia liberal em todo o mundo) classificou 4 países subsaarianos como livres; 20 como parcialmente livres; e 24 como não livres. Em 2006, os números estavam invertidos: 34 são livres ou parcialmente livres, e 14 classificados como não livres. Essa tendência traz um raio de esperança ao continente, pois 34 dos 48 países estão trilhando agora o caminho da liberdade.

Mesmo assim, não podemos considerar o progresso garantido. Uma das saídas é embutir valores de liberdade em instituições africanas transnacionais, como a Secretaria da Nepad e o Mecanismo de Revisão por Pares. Se as instituições que unem as nações africanas abraçarem a probidade e a democracia, esses princípios serão reforçados entre os líderes africanos e ajudarão a instilar atitudes positivas rumo à boa governança.

A construção das democracias e a transformação das sociedades não resultam apenas da política; sistemas financeiros eficientes, honestos e transparentes proporcionam apoio importante a mudanças positivas. Alavancar os recursos substanciais do multibilionário programa de ajuda



Foto: USAID/William Creighton, DAI

A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) está apoiando os esforços para ajudar fazendeiros da Tanzânia, como esta família, a entender o mercado da páprica e aprender a cultivar com sucesso esse novo produto

do presidente Bush, a Conta de Desafio do Milênio (MCA), ajudará a incentivar reformas, boa governança e prestação de contas.

## EXPANSÃO DE OPORTUNIDADES E CRESCIMENTO ECONÔMICO

A África é um continente rico em estado de pobreza. Nos próximos dois anos, dedicaremos nosso forte apoio aos empresários africanos. Cremos que eles têm talento e garra suficientes para tirar proveito do grande potencial do continente e gerar prosperidade para seus povos. Esses líderes empresariais precisarão de acesso a mercados para vender suas mercadorias e criar os postos de trabalho de que tanto carecem. O principal veículo de acesso a mercados é a Lei de Crescimento e Oportunidades para a África (Agoa), transformada em lei americana em 2000, que concede preferências comerciais e isenção de impostos de entrada nos Estados Unidos para alguns produtos de nações subsaarianas que estão introduzindo reformas baseadas no mercado.

Estamos também incentivando reformas internas de apoio a pequenas e médias empresas, igualando as oportunidades em nossas instituições econômicas globais e usando a ajuda ao desenvolvimento como catalisador de crescimento. Um foco dessa ajuda é a valorização das mulheres e meninas. A Iniciativa para a Educação na África, do presidente Bush, capacitou mais de 220 mil professores em 15 países, distribuiu mais de 1,8 milhão de livros didáticos e concedeu cerca de 85 mil bolsas de estudo a meninas de 38 países.

Proteger o meio ambiente e ensinar o manejo correto da água, da vida selvagem, dos locais de pesca e de outros recursos naturais são ações essenciais para a preservação dos

recursos da África e o seu aproveitamento pelas futuras gerações. Na África Central, a Iniciativa Parceria para as Florestas da Bacia do Congo reúne os Estados Unidos, diversas nações africanas e organizações não-governamentais (ONGs) como parceiros na formação e implantação de programas de conservação que também estimulam oportunidades econômicas. Expandiremos nossos esforços para além desse bem-sucedido programa.

Neste ano, nosso orçamento de ajuda à África é de US\$ 4,1 bilhões, contra 700 milhões em 2001. Esse crescimento sêxtuplo reflete a vontade do governo Bush de aumentar a ajuda em troca de melhor prestação de contas dos recebedores sobre a utilização dos fundos. O presidente Bush também estabeleceu como meta a reforma das instituições econômicas globais, para que combatam a pobreza e estimulem o desenvolvimento econômico.

Tanto no comércio internacional quanto no alívio da dívida internacional, nossa política é criar melhores oportunidades para nossos amigos africanos. Os subsídios às exportações agrícolas dificultam a concorrência para os produtos agrícolas africanos nos mercados mundiais. Buscamos igualar as oportunidades, acabando com esses subsídios que distorcem o comércio exterior. Em 2001, o presidente Bush instou o Banco Mundial a fornecer toda nova ajuda aos países mais pobres na forma de doação — não de empréstimo — para interromper o sufocante ciclo de endividamento que afeta de maneira desproporcional as nações africanas. Sua iniciativa no G-8 ajudou a cancelar 100% da dívida dos países pobres altamente endividados. Isso ajudou a liberar cerca de US\$ 30 bilhões em recursos, que agora podem ser investidos em saúde e educação dos povos da África.

## O COMBATE AO HIV/AIDS E À MALÁRIA

Foi um privilégio ter sido escolhida pelo presidente Bush como embaixadora dos EUA na África do Sul. Mas essa indicação me colocou no ponto central da devastação causada pela pandemia de HIV/Aids, face a face com homens, mulheres e crianças que sofrem e morrem em consequência dessa doença.

Tendo estudado e elaborado a política dos EUA para a África por mais de 25 anos, estou tristemente familiarizada com a devastação causada pela pandemia de HIV/Aids. O Plano de Emergência do Presidente para Combate ao HIV/Aids (Pepfar) oferece a primeira oportunidade de vitória na guerra contra essa doença mortal. Em 2000, nossa ajuda global para combate ao HIV/Aids girou em torno de US\$ 300 milhões; agora, com US\$ 15 bilhões em um período de 5 anos, os Estados Unidos forneceram mais recursos do que todas as outras nações doadoras juntas. Pela



© AP Images

Alexandra Zekas (ao centro), gerente nacional para o Programa da Embaixada de Bolsas de Estudo para Meninas (AGSP) no Chade, conversa com meninas em escola do Chade. O AGSP, financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), fornecerá 550 mil bolsas de estudo para meninas da África Subsaariana

liderança de seu presidente, os Estados Unidos iniciaram o tratamento maciço dos africanos, transformando não somente vidas como também sistemas de saúde, ao ajudar a criar a infra-estrutura médica necessária produzir para um salto no atendimento de apenas 50 mil para mais de 550 mil pessoas na África Subsaariana em apenas dois anos.

Doze dos 15 países-alvo do Pefpar encontram-se na África, o maior receptor dessa ousada iniciativa. Nossa meta é prevenir 7 milhões de novas contaminações, tratar 2 milhões de indivíduos infectados pelo HIV e oferecer tratamento a 10 milhões de indivíduos contaminados ou afetados pelo HIV/Aids.

A recém-anunciada iniciativa do presidente contra a malária também mobiliza esforços globais para combater um grande assassino que ataca de maneira especialmente implacável as crianças da África. A malária pode tanto ser prevenida quanto tratada, mas todo ano mata quase 1,2 milhão de pessoas. Estimam-se prejuízos econômicos anuais de cerca de US\$ 12 bilhões com a malária; uma perda anual de 1,3% no crescimento do PIB de países onde a doença é endêmica. A meta atual da iniciativa do presidente é a erradicação desse assassino em sete países africanos. Pretendemos atingir 175 milhões de pessoas em 15 países africanos, aumentando o financiamento para prevenção e tratamento da malária para US\$ 1,2 bilhão em 5 anos.

Trabalhando juntos — governos doadores e governos africanos, empresas privadas, fundações, organizações de voluntariado — podemos atingir nossa meta de reduzir 50% das mortes por malária em cada um desses países.

### O FIM DAS GUERRAS E O COMBATE AO TERROR E À VIOLÊNCIA

Apoiaremos os esforços para mediar conflitos entre nações africanas e para fortalecer a capacidade dos africanos de realizar operações de apoio à paz e de combate ao terror. Desde 2001, quando eu era diretora sênior para a África no Conselho de Segurança Nacional, a abordagem do governo ao trabalho conjunto com os principais mediadores africanos e de maneira multilateral com a União Africana, as Nações Unidas e organizações sub-regionais como a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Cedeao) tem sido bem-sucedida. Em grande parte como resultado dessa parceria, a presidente da Libéria, Ellen Johnson-Sirleaf, tornou-se a primeira mulher a ser eleita presidente de um país africano. Ela substituiu um dos piores ditadores do continente, o ex-presidente liberiano Charles Taylor, que está agora em Haia aguardando julgamento pelo Tribunal Especial para Serra Leoa por crimes de guerra. Orgulho-me do papel que os diplomatas e fuzileiros navais americanos

desempenharam para acabar com a guerra de 14 anos da Libéria.

Treinaremos 40 mil pacificadores africanos por meio dos programas Iniciativa de Operações para a Paz Mundial (Gpoi) e Formação e Assistência a Operações de Contingência Africanas (Acota). Nosso investimento de US\$ 600 milhões em cinco anos renderá dividendos globais. Os africanos estão partilhando de nosso esforço pela paz e segurança internacional ao fornecer 30% das forças de manutenção da paz das Nações Unidas. Quatro países — Etiópia, Gana, Nigéria e África do Sul — estão entre os dez maiores contribuintes de tropas para as Nações Unidas. Outro programa, a Iniciativa de Proteção Legal e Valorização das Mulheres, estende o esforço para ajudar as vítimas de abuso e violência sexual a recuperar sua dignidade.

Confio em que as Iniciativas de Contraterrorismo do Leste da África e Contraterrorismo Transaariano forneçam programas robustos e multifacetados, negando aos terroristas portos seguros, bases de operação e oportunidades de recrutamento. Devemos estar preparados para agir contra o desespero que pode alimentar a ideologia extremista. Num momento em que enfrentamos as mais graves ameaças de terrorismo aos Estados Unidos e a proliferação das armas de destruição em massa, temos, na África, parceiros dispostos e modelos prontos. A pobreza extrema da África não proporcionou terrenos férteis de recrutamento para a ideologia extremista. A renúncia da África do Sul às armas nucleares provou que abandonar as ADM e as ambições nucleares pode melhorar a situação global e a influência de um país. Junto com nossos embaixadores e embaixadas, buscarei cumprir as prioridades da nossa política na África, cobrindo 48 países africanos subsaarianos. Ao avançarmos, nossas relações com os fortes reformadores democráticos e econômicos (como Benin, Botsuana, Gana, Mali, Moçambique, Senegal, Tanzânia e outros) e com as potências mais influentes da África — Nigéria e África do Sul — serão fundamentais. Investiremos no sucesso, não na caça a crises.

A força da nossa parceria com a África está nos laços entre os povos. Os vínculos culturais dos Estados Unidos com a África são intrínsecos: compartilhamos uma herança comum. Por meio da diplomacia pública e do atendimento à juventude, continuamos a estreitar esses laços e a ilustrar o vínculo entre o bem-estar dos Estados Unidos e o progresso da África. Estamos avançando além das trocas tradicionais entre diplomatas de relações exteriores para incorporar uma diplomacia cultural que enriqueça a compreensão e fortaleça a causa comum entre americanos e africanos. Por meio da Iniciativa AfricaLive, comprometemo-nos com pessoas eminentes, tais como Angelique Kidjo, Bono, Salif Keita e o astro de basquete da NBA Dikembe Mutombo. Também selecionamos o filme sul-africano *Tsotsi*, vencedor de Prêmio da Academia de Cinema, para ajudar a instituir uma Era de Parceria.

Confio no sucesso de nossa política na África. Muitos homens e mulheres decentes, americanos e africanos, trabalham todo dia para atingir esse sucesso comum. Com iniciativas inovadoras e recursos históricos à mão, juntos faremos progredir na África a liberdade, a paz e a prosperidade. ■

Para mais informações:

<http://www.state.gov/p/af/>

<http://usinfo.state.gov/af/>

# África



Foto: USAID/Richard Nyberg

Facoumba Gueye (à esquerda), voluntária da Iniciativa Liberdade Digital, patrocinada pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), explica como a tecnologia da informação pode ajudar o comerciante de roupas Omar Fall a aumentar a eficiência e os lucros. Por meio da Iniciativa Liberdade Digital, a USAID trabalha com as principais empresas americanas para promover crescimento econômico para empreendedores e pequenas empresas dos países em desenvolvimento

A secretária de Estado, Condoleezza Rice (à direita), cumprimenta a ministra de Relações Exteriores da África do Sul, Nkosazana Dlamini-Zuma, no Departamento de Estado dos EUA em Washington, D.C.



© AP Images



Foto: USAID/Richard Nyberg

Na remota ilha de Carbane, no Senegal, um projeto da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) oferece treinamento aos técnicos que instalaram esta bomba d'água para levar água potável aos habitantes da ilha

Cartazes da eleição presidencial em Kinshasa, República Democrática do Congo, nas vésperas da primeira eleição democrática no país em mais de 40 anos



© AP Images

# África



© AP Images

Em Sauri, no oeste do Quênia, mulher descansa depois de capinar o mato, preparando o terreno para plantação de milho. Sauri é parte de um experimento de redução da pobreza patrocinado por doadores privados por meio do Instituto da Terra da Universidade de Colúmbia

Esta mulher de 37 anos assiste a uma aula noturna de alfabetização em Gabarone, Botsuana. Uma das metas dos programas de assistência dos EUA é a capacitação de mulheres e meninas



© AP Images



© AP Images

Embaixador Randall Tobias, diretor da Assistência Externa dos EUA e administrador da USAID, aplaude a primeira-dama, Laura Bush, após discurso sobre as emendas ao programa do presidente, Iniciativa de Combate à Malária, em junho de 2006, em Washington, D.C.

# Assuntos do Leste Asiático e do Pacífico

Christopher R. Hill



Departamento de Estado dos EUA

Christopher R. Hill, secretário de Estado adjunto, Escritório de Assuntos do Leste Asiático e do Pacífico

**N**enhuma outra parte do mundo apresenta mais benefícios e desafios potenciais para os Estados Unidos do que o Leste Asiático. A região abriga alguns de nossos mais incondicionais parceiros no comércio e na segurança, uma potência consolidada — Japão — e uma potência em crescimento — China — além de um dinamismo político e econômico de causar inveja a outras regiões. A região representa cerca de um terço da população da Terra; um quarto do PIB mundial; uma parcela desproporcional do crescimento global; e 26% de nossas exportações, inclusive aproximadamente 37% de nossas exportações agrícolas — no total, cerca de US\$ 810 bilhões em comércio bilateral com os Estados Unidos. Em todos os aspectos — geopolítico, militar, diplomático, econômico e comercial — o Leste Asiático é essencial para os interesses da segurança nacional dos Estados Unidos. No seu âmago, as prioridades estratégicas de política externa dos Estados Unidos são muito simples. Queremos ver um mundo democrático, próspero, estável, seguro e em paz. Nossas políticas para a região do Leste Asiático-Pacífico são baseadas nesses objetivos globais, e temos o compromisso de fazer avançar esses objetivos fundamentais em toda a região.

## TENDÊNCIAS FAVORÁVEIS

Como viajei por toda a região no decorrer do último ano, testemunhei a ocorrência de uma onda dinâmica de transformação. Por exemplo, desde janeiro de 2004, foram realizadas eleições bem-sucedidas não somente em democracias consolidadas — Austrália, Japão, Malásia, Mongólia, Filipinas, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan — mas também na recém-democratizada Indonésia, nação com a maior população de maioria muçulmana do mundo.

Também presenciamos crescimento de oportunidades econômicas e de prosperidade em toda a região, fomentadas pelo desenvolvimento rápido da China e pela ampla recuperação da crise financeira dos países-membros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) no final da década de 1990. Economias regionais avançam em direção a maior abertura econômica, barreiras comerciais reduzidas e cooperação regional. Os níveis de renda aumentaram e a pobreza extrema, no geral, diminuiu. Várias das economias que mais cresceram no mundo em 2005 são do Leste Asiático.



A secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice (quarta da esquerda para a direita, na primeira fila) posa com outros participantes no 13º Fórum Regional da Asean em Kuala Lumpur, na Malásia, em julho de 2006

Hoje, o Leste Asiático está, em grande parte, em paz. A região não vê um grande conflito militar há mais de 25 anos. Apesar de atentados terroristas ocasionais, testemunhamos uma rejeição generalizada ao terrorismo .

Uma vez que o Leste Asiático emergiu política e economicamente, também se uniu como região. Estamos testemunhando a expansão da cooperação regional — na política, na economia e na cultura — por meio das maiores instituições da região, como o fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), a Asean e o Fórum Regional da Asean (ARF).

### DESAFIOS REMANESCENTES

Contra esse cenário de tendências favoráveis, diversas ameaças continuam a existir. A principal delas é a situação na Coreia do Norte, onde o regime de Pyongyang continua a desafiar a comunidade internacional por meio de sua busca por armas nucleares. Para enfrentar esse desafio, criamos a estrutura de Conversações entre Seis Partes, destinada a obter o desmantelamento dos programas nucleares da Coreia do Norte de maneira transparente, completa e permanente.

Continuamos a prestar bastante atenção ao desdobramento das relações entre os dois lados do Estreito. Promovemos nossa política de "uma China" de acordo com os três comunicados emitidos em conjunto pelos Estados Unidos e a República Popular da China (RPC) em 1972, 1979 e 1982 e com a Lei de Relações com Taiwan, aprovada pelo Congresso em 1979. Não apoiamos a independência de

Taiwan e nos opomos a medidas unilaterais, capazes de mudar o *status quo*, quer sejam tomadas pela RPC ou por Taiwan. Conclamamos ambos os lados a se engajar no diálogo direto para alcançar uma solução pacífica das diferenças entre os dois lados do Estreito, sem ameaça ou uso da força e de modo aceitável para ambos.

Há uma percepção crescente em toda a região de que o terrorismo ameaça todos os governos e o melhor modo de enfrentá-lo é o trabalho em conjunto. Também continuamos a procurar maneiras de ajudar os Estados regionais que têm responsabilidades soberanas de garantir a segurança da rota de comércio do vital Estreito de Malaca para ampliar a sua cooperação e capacidade de aplicação da legislação marítima.

Finalmente, devemos trabalhar com aliados e amigos na região para promover a reconciliação nacional e a democracia em Burma. O contínuo isolamento do país da comunidade internacional é um problema de crescente preocupação para a região, especialmente para a Asean.

### DIPLOMACIA TRANSFORMACIONAL

Para tornar nossa diplomacia mais eficaz, a secretária de Estado, Condoleezza Rice, deu início a um programa para rever como o Departamento de Estado realiza seu trabalho. Ela descreve essa "diplomacia transformacional" como "trabalhar com nossos inúmeros parceiros em todo o mundo para construir e manter Estados democráticos e bem governados que responderão às necessidades de seu povo e se comportarão de maneira responsável no sistema



©AP Images

O secretário de Estado adjunto dos EUA Christopher R. Hill e o vice-ministro das Relações Exteriores da China, Wu Dawei, antes de reunião na Embaixada da China em Tóquio, no Japão, em abril de 2006

internacional". Um programa amplo e vigoroso de diplomacia pública faz parte desse esforço — promover o interesse nacional e a segurança nacional dos Estados Unidos compreendendo, informando e influenciando públicos estrangeiros e ampliando o diálogo entre os cidadãos e as instituições dos EUA e seus pares estrangeiros.

## ENVOLVIMENTO BILATERAL

Ao considerar as tarefas incorporadas no objetivo da diplomacia transformacional — promover a democracia, a boa governança e a responsabilidade no sistema internacional — nenhum esforço apresenta mais desafios potenciais ou recompensas do que o envolvimento com a China.

O sucesso na consecução de nossa visão estratégica de longo prazo no Leste Asiático dependerá em grande medida do papel da China como potência global e regional emergente. Os Estados Unidos saudam uma China próspera, pacífica e confiante. Queremos ver a China assumir um papel cada vez mais importante como participante responsável no sistema internacional e estamos trabalhando para esse fim.

Como a China, o Sudeste Asiático está mudando rapidamente, com muitos países avançando na estrada da prosperidade e do desenvolvimento econômico. O Sudeste Asiático oferece terreno fértil aos esforços da nossa diplomacia transformacional para apoiar as reformas empreendidas pelos povos da região, as quais promoverão a democracia e a boa governança, encorajarão o desenvolvimento econômico amplo e sustentável, fortalecerão suas sociedades e as transformarão em parceiros mais fortes.

Um exemplo é a Indonésia, emergindo após mais de três décadas de governo autoritário para se tornar a terceira maior

democracia do mundo. Em 2004, Susilo Bambang Yudhoyono tornou-se o primeiro presidente indonésio eleito diretamente. Ele lançou uma agenda de reformas ambiciosa e está trabalhando para combater a corrupção e fortalecer as jovens instituições democráticas da Indonésia, ao mesmo tempo que cria condições para o crescimento econômico sustentado, essencial para o desenvolvimento e a estabilidade do país.

Nos últimos anos, temos investido tempo, esforço e recursos consideráveis para apoiar os esforços do Camboja e do Vietnã para integrar-se completamente às instituições regionais e à economia global e para instituir reformas que melhorarão a vida das pessoas. A Reunião dos Líderes da Apec, a ser realizada no Vietnã em novembro de 2006, destacará o surgimento do Vietnã como potência regional e nosso relacionamento bilateral cada vez mais estreito. Iniciamos as negociações sobre o Acordo de Livre Comércio com a Malásia para fortalecer os laços com um país que já é nosso décimo maior parceiro comercial.

## ENVOLVIMENTO REGIONAL

Uma das tendências favoráveis na região do Pacífico Asiático é a maior cooperação regional, que inclui o desenvolvimento de organizações regionais. Estamos ampliando nosso envolvimento com essas organizações para discutir assuntos de interesse comum que podem ser resolvidos de maneira mais eficaz em âmbito multilateral.

Estamos profundamente envolvidos com o Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), associação de 21 economias situadas na orla do Oceano Pacífico que estão trabalhando em cooperação para aumentar a segurança e a prosperidade de nossa região. Para os Estados Unidos, a Apec é a instituição fundamental para buscar a liberalização do comércio e dos investimentos e para resolver problemas que demandam cooperação multilateral, como confrontar a ameaça de uma pandemia de gripe aviária e garantir comércio seguro na região.

Os Estados Unidos são um participante entusiasmado do Fórum Regional da Asean (ARF) — a única instituição da região totalmente inclusiva dedicada a questões de segurança — e iniciaram discussões com os governos da Asean sobre uma Parceria Ampliada Asean-EUA que incluirá nova cooperação sobre questões políticas, de segurança, econômicas e socioculturais.

Ajudamos ativamente os programas da área do Pacífico, principalmente por meio de organizações regionais como a Secretaria da Comunidade do Pacífico e o Fórum das Ilhas do Pacífico, fornecendo apoio econômico, técnico e de desenvolvimento para as 22 nações e territórios do Pacífico.

Continuaremos a observar a Cúpula do Leste Asiático (EAS) para tentar entender melhor os seus relacionamentos com os fóruns regionais, que apoiamos e dos quais participamos ativamente, e com nossas metas para a região.



©AP Images

Veteranos sul-coreanos em manifestação de apoio ao fortalecimento da aliança EUA-Coréia, em agosto de 2006

## FORTALECIMENTO DAS ALIANÇAS E PARCERIAS

Para enfrentar ameaças à paz e à segurança regionais, o presidente Bush enfatizou o fortalecimento e a revitalização de alianças. Os laços que temos com nossos cinco principais aliados e um parceiro-chave na região melhoraram de maneira significativa desde 2001, mas o desafio de dar continuidade a esse progresso nos manterá ocupados nos próximos anos.

Os Estados Unidos e a Austrália têm uma longa história de trabalho conjunto como aliados muito próximos, e nossas relações nunca foram tão boas como agora. A Austrália está ao lado do Afeganistão e do Iraque — enviando forças para os conflitos e desempenhando papel importante na reconstrução. Compartilhamos o compromisso com a não-proliferação, com o combate ao terrorismo e o tráfico internacional de pessoas e outros assuntos transnacionais.

O presidente Bush definiu o Japão como "uma força para a paz e a estabilidade nessa região, membro valioso na comunidade mundial e aliado de confiança dos Estados Unidos". Continuamos a trabalhar diretamente com o Japão, fazendo avançar nossas relações em direção a uma parceria mais madura, na qual o Japão desempenha papel cada vez mais eficaz promovendo nossos interesses mútuos no âmbito regional e global.

Nosso relacionamento com a Coréia do Sul vai além das razões originais de segurança, uma vez que a República da Coréia começa a desempenhar papel político global proporcional à sua importância econômica. A Coréia do Sul é o terceiro maior Estado que contribui com tropas nas operações internacionais no Iraque, e decidimos iniciar negociações sobre um acordo de livre comércio bilateral que, quando concluído, fará da Coréia nosso terceiro maior parceiro de livre comércio depois de Canadá e México.

Tanto a Tailândia quanto as Filipinas são grandes aliados não pertencentes à Otan e importantes parceiros na guerra contra o terrorismo. A Tailândia contribuiu com tropas para os esforços de coalizão no Afeganistão e no Iraque e é outro país onde estamos envolvidos nas negociações de livre comércio. As forças armadas dos EUA e das Filipinas cooperam mais de perto, e estamos envolvidos em um programa plurianual financiado em conjunto chamado Reforma da Defesa Filipina, destinado a modernizar as estruturas de instituições de defesa filipina.

Nossos acordos com Cingapura, que não é um aliado de tratado mas um parceiro cada vez mais próximo, nos dão acesso a instalações de aeroportos e portos de padrão internacional, estrategicamente localizados ao longo de importantes rotas de transporte. Cingapura desempenha papel ativo nos esforços regionais para salvaguardar as rotas marítimas essenciais que passam pelos Estreitos de Malaca e de Cingapura.

## CONCLUSÃO

Estamos avançando por toda a região do Leste Asiático e do Pacífico para alcançar nossos objetivos de fortalecimento da estabilidade, segurança e paz, além de expansão de oportunidades para a democracia e a prosperidade.

Minhas viagens me deixaram otimista, apesar de alguns obstáculos difíceis com relação à concretização, nos próximos anos, das tendências favoráveis que aqui descrevi. ■

Para mais informações:

<http://www.state.gov/p/eap/>

<http://usinfo.state.gov/eap/>

# Leste Asiático e Pacífico

A secretária de Estado, Condoleezza Rice, conversa com professores em uma escola islâmica de Jacarta, Indonésia. Sua viagem à nação de maior população muçumana do mundo demonstrou o apoio dos EUA à democracia florescente da Indonésia e à luta do país contra o terrorismo



© AP Images



Este robô humanóide HRP-2m Choromet em miniatura foi desenvolvido em Tóquio, no Japão, pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Avançada em colaboração com outras quatro empresas

© AP Images

Na província de Leyte, nas Filipinas, voluntários da Cruz Vermelha descarregam caixas de suprimentos de emergência enviados pelo governo dos EUA após um grande deslizamento de terra em fevereiro de 2006



© AP Images

# Leste Asiático e Pacífico

Por esta estrada, crianças são transportadas de ônibus para a escola; peixes e material de construção são levados ao mercado; e a ajuda é distribuída por organizações como a World Vision (na foto), peça central do pacote de reconstrução do governo americano após o tsunami em Aceh, na Indonésia



©AP Images



©AP Images

Em missão humanitária do navio-hospital USNS Mercy, em Isabella, nas Filinas, oficial dentista americano observa um dentista filipino extrair um dente

O metrô de Seul, na República da Coreia, é um dos mais movimentados do mundo, com bem mais de oito milhões de viagens por dia em seu sistema de nove linhas



Organização de Turismo Coreano de Nova York

# Assuntos Europeus e Eurasianos

Daniel Fried



Departamento de Estado dos EUA

Daniel Fried, secretário de Estado adjunto para Assuntos Europeus e Eurasianos

**M**eus quase 30 anos como funcionário do Serviço de Relações Exteriores em meu país e no exterior me ensinaram que a parceria dos Estados Unidos com a Europa, baseada nos mesmos princípios democráticos, continua sendo a parte central da nossa política externa. Juntos, os Estados Unidos e a Europa puseram em prática esses valores para nos defender durante a Guerra Fria, basicamente para triunfar naquela luta, e, por fim, para construir uma Europa integral, livre e em paz após a queda do Muro de Berlim, ajudando os europeus a encontrar seu caminho para a liberdade. Observei isso ao trabalhar na União Soviética, na Iugoslávia e na Polônia durante os anos intensos de sua transição democrática. Nossos valores comuns — e a consciência arduamente adquirida de que liberdade, segurança e prosperidade na comunidade euro-atlântica dependem de sua expansão no mundo todo — guiam nosso compromisso mútuo de promover democracia e liberdade, levar paz às regiões conturbadas e fomentar a prosperidade global.

Como qualquer parceria de longo prazo, Europa e Estados Unidos têm diferenças ocasionais, mas estas são secundárias se comparadas aos valores e interesses comuns que nos unem. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) continua a ser nossa principal aliança de segurança, e muitas de nossas mais fortes parcerias

multilaterais são com organizações ancoradas na Europa: a União Européia, a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (Osce) e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Nossos valores comuns garantem uma parceria Europa-Estados Unidos duradoura, ainda que surjam novos desafios. Muitos dos questionamentos internacionais mais importantes do século 20 eram, em sua essência, sobre a organização política e econômica da Europa, mas o mundo pós-11/9 trouxe outro desafio: a liberdade poderá se manter e florescer na maior parte do mundo?

Em consequência disso, os parceiros euro-atlânticos agora trabalham juntos em regiões de conflito no mundo todo.

## GRANDE ORIENTE MÉDIO E NORTE DA ÁFRICA (BMENA)

Durante muito tempo, as democracias do mundo aceitaram um status quo estagnado e não democrático no Grande Oriente Médio. Buscamos estabilidade, mas em vez disso o autoritarismo e a desordem incubaram uma ideologia hostil e antidemocrática e causaram grande instabilidade ao mundo. Nossos interesses de longa data nessa parte do mundo dependem do avanço da liberdade e justiça e da propagação de economias de mercado eficientes em toda essa



O secretário-geral da Otan, Jaap de Hoop Scheffer (à direita), e o primeiro-ministro da Geórgia, Zurab Nogaideli, em coletiva de imprensa na sede da Otan, em Bruxelas, na Bélgica, em julho de 2006

©AP Images

região. Devemos ser realistas sobre as dificuldades a curto prazo, mas audaciosos em nossos objetivos de médio e longo prazo.

A Europa e os Estados Unidos compartilham a visão de um Oriente Médio democrático. Juntos, lançamos iniciativas para fortalecer os reformadores naquela região. O Fórum do Futuro reúne o G-8 (as oito maiores potências financeiras e industriais do mundo) e representantes governamentais e não-governamentais dos países do Grande Oriente Médio e do Norte da África. Duas novas instituições decidiram, sob os auspícios do fórum, trabalhar para fortalecer as instituições da sociedade civil baseadas em democracia e prosperidade. Segundo a secretária de Estado, Condoleezza Rice, a Fundação para o Futuro “busca reformadores nativos para se valer de suas idéias e ideais e cultivar organizações de base que apoiem o desenvolvimento da democracia. A Fundação concederá verbas para ajudar a sociedade civil a fortalecer o Estado de Direito, proteger as liberdades civis básicas e garantir maior oportunidade de saúde e educação”. Um Fundo para o Futuro paralelo visa estimular o crescimento econômico e a criação de empregos. Com contribuições do Egito, do Marrocos, da Dinamarca e dos Estados Unidos, o Fundo provê pequenas e médias empresas promissoras com o capital necessário para criar empregos e fomentar o crescimento econômico. Isso reflete “o novo consenso internacional de que o aprofundamento da reforma democrática e econômica é essencial para essa região”, diz Rice.

Os Estados Unidos, a União Européia, a Rússia e as Nações Unidas se comprometeram a encontrar uma solução para os dois Estados no conflito Israel-Palestina. Estamos pressionando a liderança palestina a agir com energia contra o terror, reconhecer o direito de Israel de existir, cumprir seus compromissos internacionais e construir a prática da democracia com base em tolerância e liberdade. Incentivamos Israel a fazer sua parte para ajudar os palestinos

a estabelecer um Estado baseado na democracia e no Estado de Direito, vivendo em segurança e em paz com Israel.

A parceria EUA-Europa dá suporte fundamental para a transformação rápida e histórica do Afeganistão, que continua sob pressão de terroristas. À medida que as tropas da Otan aumentam sua presença em todo o país, levam segurança e a possibilidade de desenvolvimento para sua sofrida população. Na guerra contra o terror, a cooperação EUA-Europa começa por dar ao Afeganistão, que certa vez abrigou a Al Qaeda, a oportunidade de construir uma nação democrática e próspera, em paz consigo mesma e com seus vizinhos.

Os Estados Unidos vêm trabalhando em estreita colaboração com o “UE-3” (França, Grã-Bretanha, Alemanha) para convencer o regime iraniano a cooperar com a comunidade internacional e abandonar seus

esforços para desenvolver armas nucleares. Como um Irã mais democrático será um parceiro melhor e mais responsável na região e no mundo, os Estados Unidos e a Europa estão determinados a sensibilizar a sociedade e o povo iraniano.

A Europa e os Estados Unidos apóiam o novo governo do Iraque, eleito democraticamente, e seus esforços em trazer segurança, prosperidade e democracia duradoura ao povo iraquiano. Nossas diferenças com alguns países europeus sobre a decisão de tirar Saddam Hussein do poder pertencem ao passado. O sucesso no Iraque é de interesse comum e estabelecerá o cenário para o avanço da liberdade no coração do Oriente Médio.

Os Estados Unidos e a Europa estão trabalhando juntos para, com urgência, acabar com o conflito e criar condições para uma solução duradoura entre Israel e Líbano. Isso significa, entre outras coisas, que o Hezbollah não pode continuar livre para atacar Israel à vontade. Queremos ver o Líbano totalmente soberano e livre da dominação e das forças estrangeiras, em paz com Israel e vivendo em segurança.

## DEMOCRACIAS JOVENS

Os Estados Unidos e a Europa estão trabalhando em conjunto para auxiliar as democracias jovens e ainda vulneráveis da Ucrânia e da Geórgia. As revoluções Laranja e das Rosas inspiraram os povos que buscam a liberdade no mundo todo. Temos o compromisso de ajudar ucranianos, georgianos e outros povos que se encontram nas “Fronteiras da Liberdade” a consolidar seus ganhos democráticos. Em Belarus, onde o regime ilegítimo de Lukashenka proibiu a liberdade de expressão e puniu aqueles que buscam o desenvolvimento democrático, os Estados Unidos vêm trabalhando com cautela, lado a lado com a União Européia,



©AP Images

O Programa de Eliminação de Bombardeiros Pesados, uma iniciativa do Congresso dos EUA, forneceu mais de US\$ 650 milhões à Ucrânia para descarte de seu arsenal estratégico nuclear, em obediência aos tratados START I e Forças Convencionais da Europa. Este avião de bombardeio supersônico Tu-22MS está sendo destruído como parte do programa

para pressioná-lo. Proibição de viagens e sanções financeiras têm como alvo o grupo que ajuda a manter a ditadura de Lukashenka, a última da Europa. Continuamos a apoiar o povo de Belarus.

Os Estados Unidos e a Europa ajudam a Rússia em seus esforços para se tornar uma democracia vibrante e voltada para o mercado e visam ao aprofundamento de uma parceria para dar mais segurança, paz e prosperidade ao mundo. Cooperamos com a Rússia na busca de interesses comuns, inclusive a não-proliferação de armas, o fim do terrorismo e a promoção da saúde. Ao mesmo tempo, estamos apreensivos com certas tendências preocupantes do desenvolvimento democrático na Rússia e com o tratamento dado pelo país a alguns de seus vizinhos, bem como com alguns aspectos do uso dos recursos energéticos.

Os Estados Unidos e a Europa uniram-se para resolver a última questão importante da região: a situação definitiva de Kosovo. Como parte desse esforço, estamos preparados para sensibilizar todos os países da região, especialmente a Sérvia, e trazê-los para as instituições euro-atlânticas.

Os Estados Unidos e os aliados europeus estão trabalhando em comum acordo para conseguir um pacto final de paz no sul do Sudão. Estamos determinados a pôr fim na matança em Darfur e estamos trabalhando em colaboração com a ONU, a Otan, a UE e a União Africana para cessar essa violência imediatamente.

## SEGURANÇA E PAZ

Os Estados Unidos e a Europa estão se empenhando para estender ao mundo a paz que há décadas reina na comunidade transatlântica.

A Otan é a aliança de maior importância para os Estados Unidos: uma ligação estratégica entre a América do Norte e a

Europa e o principal braço de segurança da comunidade democrática transatlântica. Juntos, Europa, Canadá e Estados Unidos estão transformando a Otan para enfrentar os desafios do século 21. No início de 1994, a Otan era uma aliança militar de 16 países, orientada para combater uma União Soviética já há muito extinta; a organização jamais realizou uma operação militar. Até 2004, a Otan tinha 26 membros e 31 parcerias na Eurásia, no Mediterrâneo e no Golfo Pérsico. Participava de oito operações militares simultâneas, dos Balcãs ao Afeganistão, realizando tarefas que iam desde assistência humanitária até operações de estabilidade. A Otan é uma aliança em ação.

Trabalhamos todos os dias com os parceiros europeus para intensificar os esforços contra o terrorismo e, juntos, ajudar outros Estados a melhorar sua capacidade contraterrorista. Nossa

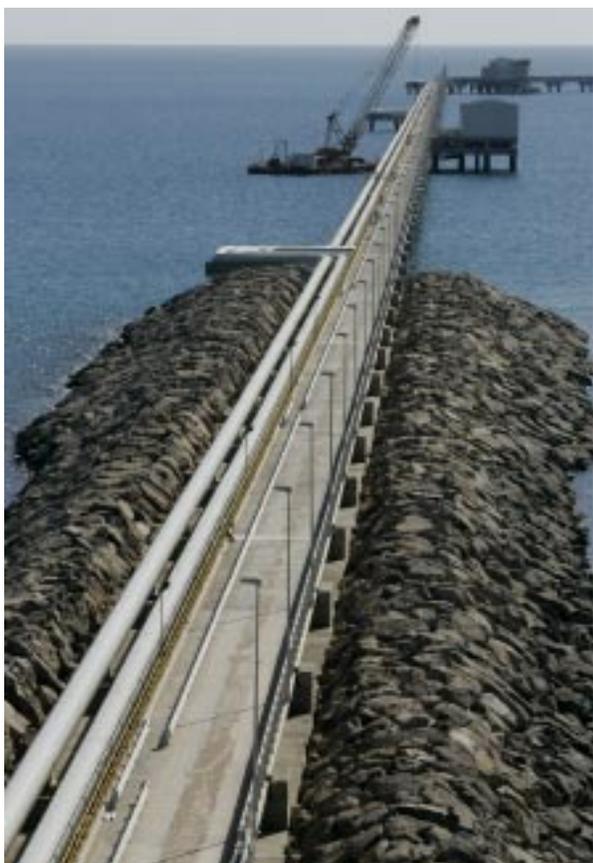
cooperação abrange o compartilhamento de informações e de inteligência, o desmantelamento de células terroristas, a interdição de logísticas terroristas e o empenho para reunir esforços contra a lavagem de dinheiro.

O perigo mais grave enfrentado pela Europa e por nós é a possibilidade de armas de destruição em massa caírem em mãos de terroristas e de seus patrocinadores. Pela Iniciativa de Segurança Contra a Proliferação de Armas, os Estados Unidos e a Europa se unem a outros países na adoção de medidas eficazes para interditar a transferência ou o transporte de armas de destruição em massa, seus sistemas de distribuição e materiais correlatos.

Os Estados Unidos e a Europa vêm aprofundando cada vez mais a cooperação para aplicação da lei. Trabalhamos em uníssono para combater atividades do crime organizado, inclusive o tráfico de seres humanos, a distribuição de narcóticos, a fiscalização das fronteiras e os crimes financeiros.

Os Estados Unidos e a Europa incrementam a prosperidade global mediante o compromisso de abrir mercados, criar um sistema financeiro estável e confiável e promover a integração da economia global. Seja por meio das negociações da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio para diminuir as barreiras comerciais, seja por iniciativas EUA-UE para melhorar a eficiência econômica, os Estados Unidos e a Europa procuram criar novas oportunidades para outros povos e para o nosso; ajudar a reduzir a pobreza; e levar esperança, dignidade e progresso a centenas de milhões de pessoas no mundo todo.

Os Estados Unidos e a União Européia são os principais parceiros um do outro em comércio e investimentos. Em conjunto, nossas economias respondem por mais da metade do PIB global e por um terço do comércio mundial, gerando aproximadamente US\$ 2,5 trilhões em vendas comerciais



©AP Images

O oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), de 1.600 quilômetros e US\$ 4 bilhões, mostrado aqui durante sua construção em fevereiro de 2005, foi inaugurado oficialmente em maio de 2005. Ele leva óleo do Azerbaijão, através da Geórgia, para a costa mediterrânea da Turquia. Os Estados Unidos apoiaram a parceria público-privada que construiu o oleoduto para ajudar a região a conseguir maior independência econômica

por ano e empregando cerca de 12 a 14 milhões de trabalhadores nos dois lados do Atlântico.

Os Estados Unidos e a Europa estão pondo em prática uma estratégia de atuação internacional para evitar a disseminação da gripe aviária. Essa estratégia enfatiza a prontidão, a prevenção e a contenção. Americanos e europeus fizeram do combate ao HIV/Aids uma prioridade máxima por razões humanitárias, mas também porque o HIV/Aids ameaça a prosperidade, a estabilidade e o desenvolvimento no mundo. Desde 1986, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) investiu quase US\$ 6 bilhões, mais do que qualquer outra organização pública ou privada, para combater o vírus em quase 100 países.

Os Estados Unidos e seus parceiros europeus estão trabalhando em estreita colaboração para aumentar a segurança energética. Nossos princípios e objetivos comuns incluem diversificação de fornecedores e fontes, disponibilidade de transparência e abertura para os investidores, desenvolvimento de novas tecnologias e promoção do consumo eficiente de energia.

A descoberta, a captação e o consumo de energia estão inexoravelmente ligados à gestão responsável do ambiente natural. Na Cúpula EUA-UE de Viena em 2006, os dois lados concordaram em abordar em conjunto os problemas de mudança climática, perda da biodiversidade e poluição do ar.

## CONCLUSÃO

Nunca antes a Europa e os Estados Unidos trabalharam com tal grau de colaboração e eficiência. Embora os céticos tenham apresentado teorias de interesses divergentes, desvios estratégicos ou até mesmo rivalidades incipientes, tudo isso se dissolve perante a realidade da estreita cooperação política fincada em valores, propósitos e visão comuns aos dois lados. A Europa e os Estados Unidos são aliados na ação e ambos estão determinados a tornar o mundo mais livre, mais seguro e mais próspero. ■

Para mais informações:

<http://www.state.gov/p/eur/>

<http://usinfo.state.gov/eur/>

# Europa e Eurásia



©AP Images

O presidente George W. Bush e a chanceler alemã Ângela Merkel acenam ao chegar em Stralsund, Alemanha, em julho de 2006

O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, posa com soldados britânicos na base logística de Shaibah, em Basra, no Iraque, durante sua quarta visita ao país em dezembro de 2005



©AP Images



©AP Images

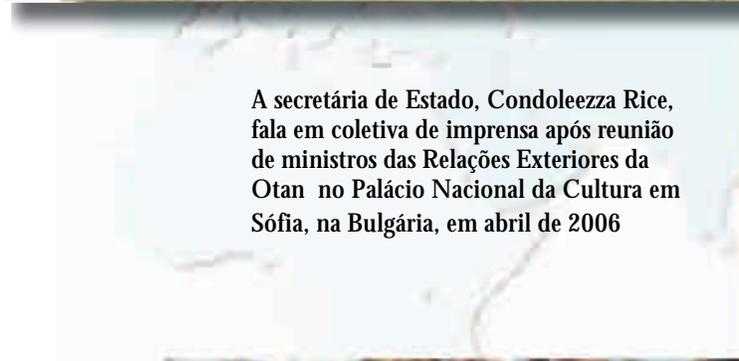
Observadores da Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (Osce) acompanham as instruções fornecidas por uma integrante da comissão eleitoral a um albanês em um local de votação de Skopje, capital da Macedônia, durante as eleições parlamentares de julho de 2006

# Europa e Eurásia



Participantes da Cúpula do G-8, realizada em julho de 2006, posam para sessão de fotos em frente ao Palácio Constantino em São Petersburgo, na Rússia

©AP Images



A secretária de Estado, Condoleezza Rice, fala em coletiva de imprensa após reunião de ministros das Relações Exteriores da Otan no Palácio Nacional da Cultura em Sófia, na Bulgária, em abril de 2006



©AP Images



A subsecretária de Estado para Diplomacia e Assuntos Públicos, Karen Hughes, conversa com crianças turcas, ao presentear-las com livros sobre os Estados Unidos durante visita ao Parque Infantil da Fundação de Voluntários da Educação da Turquia, em Istambul, em setembro de 2005

©AP Images

# Assuntos do Oriente Próximo

C. David Welch



Departamento de Estado dos EUA

C. David Welch, subsecretário de Estado, Escritório de Assuntos do Oriente Próximo

**A**s responsabilidades do Escritório de Assuntos do Oriente Próximo (NEA) do Departamento de Estado vão do Marrocos, no Oceano Atlântico, às fronteiras orientais do Irã. Na grande burocracia temos grande visibilidade, mas somos surpreendentemente pequenos em termos de pessoal e recursos. Nossa região, com seus 19 países, engloba de pequenos países a civilizações populosas e antigas, como o Egito e o Irã. Inclui dois terços das reservas comprovadas de petróleo do mundo e é berço das três grandes religiões monoteístas. É a terra de Jerusalém e Meca, de Belém e Babilônia, de guerras santas e homens santos. Foi lá onde nasceu a civilização e o alfabeto foi inventado, onde a luz da civilização clássica sobreviveu após bruxulear durante a idade das trevas na Europa. É a região com os problemas de política externa dos EUA mais desafiadores e voláteis.

Tenho grande sorte de ter passado parte importante de minha vida adulta trabalhando e vivendo neste pedaço do mundo tão fascinante, frustrante, intenso e lindo. Meus filhos, minha esposa, Gretchen, e muitos amigos e colegas têm por essa região profundo interesse e admiração. O Oriente Médio pode ser inspirador por suas promessas e desapontador por suas tragédias, mas nunca pode ser esquecido. Da beleza natural de Wadi Rum, passando pela vastidão do Quadrante Vazio da Arábia Saudita, até os

cedros lendários do Líbano, os mercados exóticos da Cairo antiga, das orgulhosas Aleppo e Isfahã à dinâmica Dubai, crescendo a todo vapor no Golfo Pérsico, o Oriente Próximo conta com paisagens estonteantes. Mas isso é pouco perante o mosaico populacional de rápido crescimento de mais de 350 milhões de habitantes inquietos e muito diversos, que não são muito diferentes de nós — buscam também garantir uma vida digna, livre do medo, e têm esperança num futuro melhor para si mesmos e para seus filhos. Muitos deles são meus colegas ou amigos de longa data.

## DESAFIOS PROFUNDOS E PERSISTENTES

Os desafios dos Estados Unidos no Oriente Médio são profundos e persistentes. Procuramos promover a cooperação contra o terrorismo global e trabalhamos para prevenir atentados contra nós e nossos amigos; defendemos aspirações por dignidade humana e reformas; e lutamos por paz duradoura para Israel, palestinos e seus vizinhos.

Todos os nossos objetivos políticos sustentam-se em dois pilares básicos. O primeiro é promover liberdade, justiça e dignidade humana — trabalhar para acabar com a tirania, promover democracias efetivas e ampliar a prosperidade por

meio do comércio livre e justo e de políticas sábias de desenvolvimento. O segundo pilar de nossa estratégia global é enfrentar os desafios de nossos tempos colaborando com a crescente comunidade de democracias para resolver muitos dos problemas surgidos — ameaças de pandemias, proliferação de armas de destruição em massa, terrorismo, tráfico humano, desastres naturais — que ultrapassam as fronteiras nacionais e regionais.

Enquanto buscamos mudanças positivas que se traduzirão em uma vida melhor para todos os povos da região, trabalhamos em parceria com governos, sociedade civil e outros atores em um amplo espectro de questões prioritárias. Respeitamos profundamente o Egito, a Jordânia e a Arábia Saudita e buscamos cultivar relações importantes e duradouras com esses países. Aplaudimos suas ações reformistas e os estimulamos a fazer mais. Apoiamos e estimulamos seus esforços para deter ideologias radicais e promover a moderação e a tolerância. Apreciamos seu trabalho construtivo em muitas frentes diferentes, como cooperação regional, promoção do fim de conflitos regionais e combate ao terrorismo.

Estamos trabalhando com os iraquianos para garantir um Iraque unido, estável e democrático. O processo de desenvolvimento de um sistema político estável que produza um governo de união nacional competente e forte que reflita as necessidades e os interesses de todos os iraquianos é um esforço iraquiano, mas conta com nosso firme e sincero apoio.

Continuamos a trabalhar em prol da visão do presidente de uma solução de dois Estados, com os israelenses e

palestinos vivendo em paz, estabilidade, prosperidade e dignidade. Já se perderam vidas demais em ambos os lados como resultado da violência e do terrorismo. Embora reconheçamos e respeitemos plenamente o processo político que o levou ao poder, temos sérias preocupações com o Hamas. Qualquer governo palestino que estimule ou tolere o terrorismo contra inocentes não apenas contribui para aumentar a violência contra os israelenses, como também prejudica muito os interesses do povo palestino, aumentando ainda mais seu isolamento. Os Estados Unidos não terão qualquer contato com tal governo e estamos trabalhando com muitos outros na região e no mundo para exigir que abandone seu apoio ao terror, reconheça o direito de Israel de existir e aceite acordos anteriores.

Estamos concentrados no desafio do Irã à comunidade internacional. O regime de Teerã despreza as normas internacionais e suas responsabilidades perante a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), apóia a violência e o terror no Iraque, Líbano e em todo o mundo e recusa-se a levar à justiça lideranças da Al Qaeda que prendeu em 2003. Continua a dar ao Hezbollah e a grupos terroristas palestinos recursos, treinamento e armas. Como o presidente Bush e a secretária Rice deixaram bem claro, os Estados Unidos ficam ao lado do povo iraniano que sofre a



A subsecretária de Estado para Diplomacia e Assuntos Públicos, Karen Hughes, mostra a jovens livro sobre futebol americano durante as festividades de abertura do segundo "American Corner" – centro cultural com cybercafé e biblioteca – do Marrocos, em Daoudiate, distrito de Marrakesh

©AP Images



O consul-geral dos EUA em Jerusalém, Jacob Walles (centro), observa caixas com suprimentos doados aos palestinos pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) em armazém de Ramala em maio de 2006

©AP Images



©AP Images

Subsecretário de Estado David Welch fala em coletiva de imprensa após reunião com o primeiro-ministro libanês em Beirute, no Líbano, em janeiro de 2006

continua repressão e o desmando econômico do governo. Esperamos um dia ser os melhores amigos do povo iraniano.

## DEMOCRACIA E REFORMAS

Continuamos a apoiar a opção por democracia e reformas enunciada pelo governo libanês. O Líbano obteve muitas conquistas no ano passado — forçou as tropas sírias a se retirar do país e realizou eleições livres e justas. Após uma guerra destrutiva provocada pelo Hezbollah, a Resolução 1701 do Conselho de Segurança das Nações Unidas proporciona a base essencial de apoio ao povo libanês, num momento em que este busca reafirmar a independência do país, fortalecer a democracia, restabelecer a soberania do governo libanês e das forças armadas em todo o território e exigir dignidade, verdade e justiça.

Estamos envidando esforços para expressar nossa solidariedade ao povo sírio. As aspirações populares por uma vida melhor e mais digna são frustradas por um regime atávico que reprime a sociedade civil síria, procura intimidar os libaneses, não controla sua fronteira com o Iraque e patrocina grupos terroristas palestinos e do Hezbollah. Continuamos a considerar de fundamental importância que o regime sírio cumpra as resoluções 1644, 1636, 1559, 1595 e 1701 do Conselho de Segurança da ONU e mantemos nosso compromisso de pôr fim ao apoio sírio à agressão

armada do Hezbollah ao Líbano e de levar à justiça os responsáveis pelo assassinato do ex-primeiro-ministro libanês Hariri.

Na Arábia Saudita, a parceria entre o rei Abdulaziz e o presidente Roosevelt, iniciada em fevereiro de 1945, continua até hoje por meio dos reis e presidentes que os sucederam. A Arábia Saudita é símbolo do mundo islâmico, país onde nasceu o Islã e onde se localizam suas duas cidades mais sagradas. Esperamos que o Reino lidere os esforços para garantir a predominância de uma forma moderada de islamismo e o aumento da participação popular, ampliando as oportunidades para as mulheres e estimulando o desenvolvimento de um setor econômico privado vibrante.

O norte da África, região que mantém relações com os Estados Unidos desde nossa independência, está ganhando importância cada vez maior para nossos interesses regionais e estratégicos. Mais da metade dos árabes vive nessa região, contando com o Egito. O restabelecimento de relações mais normais com a Líbia teve como pano de fundo os feitos históricos do país relacionados com sua renúncia ao terrorismo e aos programas de fabricação de armas de destruição em massa e de mísseis balísticos de longo alcance. O Marrocos emerge como líder regional e principal parceiro dos EUA nas reformas. A Argélia também tem trilhado o caminho de reformas sérias após uma década de turbulências internas. Estamos estimulando a Tunísia a aliar seu importante histórico econômico e social a esforços semelhantes em reformas políticas. Esses países têm ainda longo caminho a percorrer nas áreas de reformas políticas e econômicas e respeito aos direitos humanos, mas estamos preparados para ajudá-los. Estamos cientes também de que enfrentam a ameaça comum do radicalismo religioso e criaram a Iniciativa Contraterrorismo Transaariano como forma de luta contra ele. Isso exigirá trabalho contínuo de apoio aos esforços da ONU para resolver a longa disputa pelo Saara Ocidental, cujo fim é a chave para a verdadeira cooperação regional.

## CONCLUSÃO

Todas essas questões formam uma pauta de desafios e dificuldades. Algumas dessas crises têm ocupado legisladores e governos por décadas. Porém sabemos que as vozes reformistas, que buscam mudanças positivas e mais humanidade no governo, não se originaram no Ocidente, mas partem de líderes regionais de dentro e fora do governo. Reconhecemos que a democracia prosperará na região com as características e o timing próprios do Oriente Médio. Estamos dando apoio concreto aos reformadores e mantenedores da paz na região para que os conflitos diminuam, a democracia possa prosperar, a educação melhore, as economias cresçam e as mulheres sejam valorizadas. Estamos animados com os avanços

recentes no campo dos direitos das mulheres no Kuwait e no Catar. Trabalhamos com afinco para apoiar todas essas mudanças em um ambiente de respeito mútuo e humildade, profundamente conscientes da necessidade de respeitar as tradições e a cultura da região e de ouvir o povo, mesmo quando sua voz se levanta com raiva e críticas. ■

Para mais informações:

<http://www.state.gov/p/nea/>

<http://usinfo.state.gov/mena/>

# Oriente Próximo

Membro do Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA e empreiteiro iraquiano local discutem problema elétrico na Maternidade e Hospital Infantil Diwaniyah, em Ad Diwaniyah, no Iraque



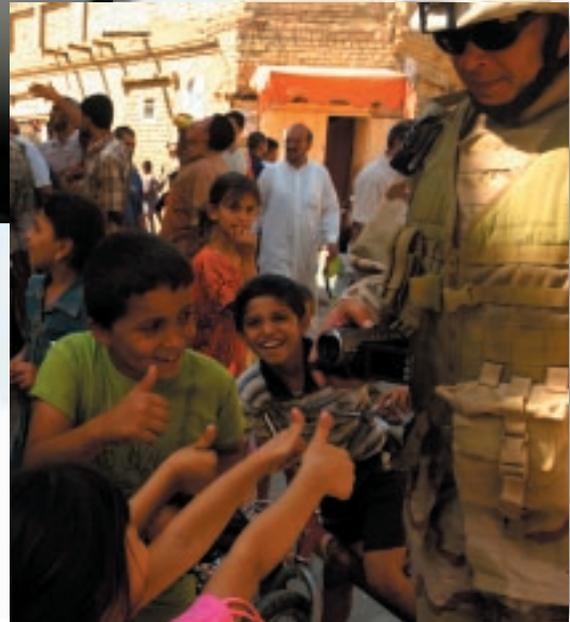
(Soldado de primeira classe Timothy J. Villareal/ Exército dos EUA) (Liberada para publicação)



©AP Images

Cerca de 15 mil empregos foram criados no Egito como resultado de um acordo, intermediado pelos EUA, que aumentou de forma extraordinária o comércio entre esse país e Israel. Na foto, trabalhador em tecelagem no Cairo

Especialista em comunicação de massa da Marinha americana mostra sua câmara de vídeo a crianças durante visita ao distrito de Adhamiyah em Bagdá, no Iraque, em setembro de 2006



(Foto tirada pelo piloto-aviador sênior Richard Rose da Força Aérea dos EUA) (Liberada para publicação)

# Oriente Próximo



Estudantes passam pelo portão de entrada da Universidade Hassan II Ain Chock em Casablanca, Marrocos

© AP Images

Guardador de camelos espera turistas na praia, tendo ao fundo o Hotel Jumeira em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos



© AP Images



© AP Images

Funcionários da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) monitoram entrega de suprimentos humanitários em Beirute, no Líbano, em 29 de julho de 2006. Esse carregamento incluía 20 mil cobertores, duas mil coberturas de lona e sete kits médicos de uma tonelada cada um, montados para atender 100 mil pessoas durante três meses

# Centro-Sul da Ásia

Richard A. Boucher



Departamento de Estado dos EUA

Richard A. Boucher, secretário de Estado adjunto, Escritório de Assuntos do Centro-Sul da Ásia

No ano passado, a secretária Rice decidiu concentrar a responsabilidade das políticas para as nações do Centro-Sul da Ásia em um único escritório. Essa mudança faz sentido, porque o Centro-Sul da Ásia deve ser tratado como uma unidade. Além de profundos vínculos culturais e históricos, as metas de nossas principais políticas para o século 21, como vencer a guerra contra o terror, descobrir saídas para o abastecimento de energia, alcançar a prosperidade por meio da cooperação econômica e explorar oportunidades democráticas, são de central importância em todos os países dessa região. Ao mesmo tempo, em cada país — Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão, Sri Lanka, Cazaquistão, Usbequistão, Quirguistão, Tajiquistão e Turcomenistão — nos deparamos com questões únicas e desafiadoras a serem enfrentadas.

Nosso sucesso no Centro-Sul da Ásia é muitíssimo importante para nossos interesses nacionais. O 11 de Setembro solidificou nosso entendimento de que a estabilidade na região era ainda mais vital. O que os Estados Unidos buscam na região é a disseminação contínua da estabilidade democrática. Estamos ajudando os Estados da região a encontrar paz e prosperidade por meio da combinação virtuosa de liberdade política e econômica. Procuramos defender as mudanças e as reformas que resultem em uma região mais estável, próspera e integrada.

Isso está em conformidade com o objetivo central da política externa americana, como articulado pelo presidente Bush: “A política dos Estados Unidos é buscar e apoiar o crescimento das instituições e dos movimentos democráticos em todas as nações e culturas, com o objetivo final de acabar com a tirania em nosso mundo.”

Os Estados Unidos vão trabalhar com os governos e os povos do Centro-Sul da Ásia, praticando o que a secretária Rice denominou “diplomacia transformacional”. Ela explica que “... a diplomacia transformacional está enraizada na parceria; não no paternalismo. Ao fazer coisas com as pessoas, não para elas, buscamos usar o poder diplomático dos Estados Unidos para ajudar cidadãos estrangeiros a melhorar de vida, construir sua nação e transformar seu próprio futuro”.

## EDUCAÇÃO, CRESCIMENTO E COOPERAÇÃO

A educação, em particular de mulheres e meninas, é nosso instrumento mais forte de política externa na região. É a base para acelerar o desenvolvimento social, político e econômico em todas as áreas: reduzindo a mortalidade infantil/materna e melhorando a assistência médica, a higiene básica, a alfabetização, a participação cívica e o crescimento econômico, entre outros. Os Estados Unidos



©AP Images

Caxemirianos descarregam ajuda emergencial doada pelos americanos de um helicóptero das Nações Unidas no povoado de Sharda, no Paquistão, após os terremotos de 2005

destinarão recursos significativos para projetos educacionais na região.

Programas para incentivar e estimular o crescimento econômico com amplo impacto em populações da região — variando de desenvolvimento de microempresas a facilitação do comércio e reformas aduaneiras — são componentes essenciais para a criação de economias e parceiros comerciais sólidos. Graças a reformas e oportunidades de exportação, o Paquistão e a Índia estão crescendo a uma taxa acima de 8%, e o Afeganistão está crescendo a 14%. As reformas econômicas e as reservas de hidrocarboneto do Cazaquistão irão em breve colocá-lo entre os primeiros no ranking de exportadores de energia.

A promoção de cooperação mais estreita em todas as esferas, no Centro-Sul da Ásia e entre seus países, é alta prioridade. Incentivamos a parceria natural da Ásia Central com o Afeganistão e o tremendo potencial para o comércio transfronteiriço. Um objetivo importante é financiar a expansão da rede de energia elétrica afegã, com conexões a fontes de energia subutilizadas da Ásia Central. É uma boa solução para ambos os lados, fornecendo a energia tão necessária ao Afeganistão e servindo como principal fonte de receita futura para países como o Tajiquistão e o Quirguistão.

A geração de estabilidade de longo prazo por meio de cooperação regional em energia, comércio e comunicações é uma área em que os Estados Unidos podem oferecer assistência técnica. Como governo, não é nosso papel conduzir projetos de energia e infra-estrutura de larga escala. Mas temos grande interesse em utilizar nosso conhecimento especializado, em combinação com outros parceiros e doadores multilaterais, para estimular tais atividades.

O fortalecimento desses laços e a ajuda na construção de novos vínculos em energia, infra-estrutura, transportes e outras áreas aumentarão a estabilidade de toda a região, mas não será à custa de relações já existentes. Continuaremos a enfatizar o envolvimento das nações centro-asiáticas com instituições euro-atlânticas. Seus vínculos com a Otan, a União Européia, a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa e com outras nações européias individualmente precisam continuar sendo parte importante de seu futuro.

## PARCERIAS ESTRATÉGICAS

Estamos construindo uma parceria estratégica global com a Índia, a maior democracia do mundo e provavelmente a nação mais populosa em 20 anos. Índia e Estados Unidos são democracias de muitas etnias, línguas e religiões, com interesses cada vez mais convergentes nas questões mundiais mais importantes. A abertura de novas áreas para a cooperação econômica e a conclusão de uma parceria nuclear civil são dois dos caminhos mais importantes que estamos percorrendo atualmente. Também estamos estudando todas as áreas em que seja possível fazer avançar nossos interesses internacionais por meio dessa parceria. Isso inclui agricultura, construção da democracia, ajuda emergencial, educação, ciência e tecnologia.

Estamos dando continuidade à longa amizade dos Estados Unidos com o Paquistão, aliado fundamental na



©AP Images

O secretário adjunto paquistanês Fardosh Alim (centro) acena para multidão no posto conjunto da Índia e do Paquistão em Wagha, Índia, no dia em que um novo serviço transfronteiriço foi aberto, resultado dos esforços para melhorar os laços entre as duas nações



© AP Images

O secretário de Estado adjunto dos EUA para Assuntos do Centro-Sul da Ásia, Richard Boucher (direita), junto com (da esquerda para a direita) Herve Jouanjean, vice-diretor-geral da Comissão de Relações Exteriores da União Européia; Yasushi Akashi, enviado japonês a Colombo para a Paz; e Erik Solheim, ministro norueguês de Desenvolvimento Internacional, na abertura da reunião sobre o processo de paz do Sri Lanka, em maio de 2006

guerra contra o terror. O presidente Musharraf tomou uma decisão importante para distanciar seu país do extremismo e aproximá-lo de um futuro como democracia moderna, e nós apoiamos totalmente essa decisão. Estamos trabalhando com partidos políticos, sociedade civil e instituições como a comissão eleitoral para garantir o sucesso das eleições parlamentares em 2007 e continuamos a ressaltar que estamos profundamente comprometidos a ajudar o povo paquistanês a se recuperar do terremoto devastador de outubro passado.

Uma relação estável e amigável entre a Índia e o Paquistão é essencial para a paz e a estabilidade na região e além dela. Estamos animados com o progresso do diálogo entre Índia e Paquistão. Medidas que ajudam a gerar confiança, como a abertura de ligações de ônibus e de trem, estão contribuindo para a formação de um grupo de defensores da paz nas duas nações. Continuaremos a estimular os esforços de paz entre os dois países, inclusive a resolução da questão da Caxemira.

No centro dessa região, o Afeganistão pode ser a ponte entre o Sul e o Centro da Ásia, em vez de ser uma barreira que os separe. A estabilidade, a democracia e o desenvolvimento econômico no Afeganistão continuam sendo grandes prioridades para os Estados Unidos e também para os nossos parceiros. Os documentos do Pacto pelo

Afeganistão e da Estratégia Provisória de Desenvolvimento Nacional divulgados em janeiro durante a Conferência de Londres sobre o Afeganistão delineiam indicadores específicos de segurança, governança e desenvolvimento para os próximos cinco anos; nosso apoio é vital para alcançar essas metas importantes. Precisamos continuar a lidar de modo decisivo com os remanescentes violentos da Al Qaeda, do Taleban e de outros grupos insurgentes que ainda estão soltos. A grande plantação de ópio no Afeganistão representa uma séria ameaça para a Ásia, a Europa e os Estados Unidos, com potencial para fomentar insurgências, destruir economias e corromper governos. Por meio de uma abordagem de cinco pilares, baseada em informação, alternativas de renda, erradicação, fiscalização e interdição e aplicação justa da lei, o Afeganistão está agindo contra o comércio de drogas, e nós estamos ajudando.

Estamos trabalhando para acabar com a discórdia e promover a estabilidade em toda a região. No Sri Lanka, continuamos a trabalhar com nossos parceiros internacionais para preservar um processo de paz frágil e encontrar uma solução para a luta violenta contra o governo, encabeçada pelos separatistas tâmeis. O Nepal também enfrenta uma situação difícil. Demonstrações populares forçaram o rei Gyanendra a restaurar o Parlamento e reconhecer a soberania popular, mas o país ainda enfrenta muitos desafios

no caminho para a restauração da democracia, da paz e do desenvolvimento, inclusive uma insurreição contínua dos maoístas. Apesar do otimismo cauteloso dos Estados Unidos, esse é o começo de um processo para fixar a democracia no Nepal, e o forte apoio dos EUA e de outros países será importante para garantir o sucesso do novo governo. Em Bangladesh, democracia muçulmana moderada recentemente ameaçada pela violência política e pelo extremismo, estamos na expectativa de eleições parlamentares livres e justas com a participação plena e ativa de todos os partidos.

As nações centro-asiáticas estão lidando com desafios similares, como combate ao terrorismo, construção do crescimento sustentável e realização das demandas da população por oportunidades econômicas e políticas. Alguns líderes, como os do Turcomenistão e do Usbequistão, responderam de modo negativo, e precisamos administrar nossas relações de modo apropriado. No entanto, a Ásia Central também é uma a região de inúmeras promessas. A produção de petróleo e gás na bacia do Mar Cáspio, em particular no Cazaquistão e no Turcomenistão, poderá ser uma contribuição significativa à segurança energética global. O Cazaquistão pode estar surgindo como um motor de crescimento econômico e reforma da região. O Quirguistão está lutando para consolidar os ganhos democráticos e manter as reformas nos trilhos.

## CONCLUSÃO

Em toda a região, as tradições de tolerância religiosa e aprendizado científico, que remontam a mais de um milênio, são uma proteção contra forças importadas de extremismo violento. À medida que ajudamos os governos e os povos da região a fortalecer suas instituições promovendo crescimento, paz e estabilidade, também procuramos incentivar os membros da sociedade que começaram a reformar, promover mudanças, abrir suas economias e cooperar com seus vizinhos. Com praticamente um quarto da população mundial, recursos abundantes e uma geração de jovens com sonhos sem precedentes, o Centro-Sul da Ásia tem grande potencial global para atuar como força democrática e economicamente vibrante para mudanças positivas. Os Estados Unidos devem ter um papel na promoção de tais mudanças, das quais todos na região poderão compartilhar. ■

Para mais informações:

<http://www.state.gov/p/sca/>

<http://usinfo.state.gov/sa/>

# Centro-Sul da Ásia



©AP Images

Matt George, especialista de campo americano da Organização Internacional para as Migrações (IOM), imobiliza braço de menino com papelão na Cashemira

Mulheres paquistanesas acendem velas para comemorar o Dia Internacional da Mulher em Multan, no Paquistão, em março de 2005



©AP Images



©AP Images

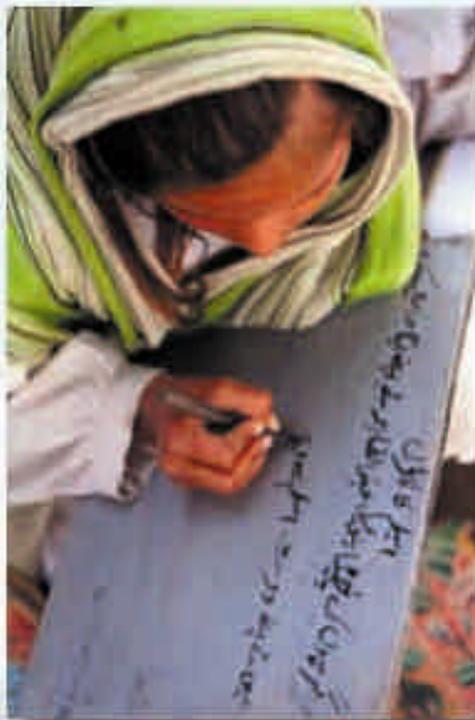
Sob a fiscalização de observadores, funcionária eleitoral afegã conta os votos em Cabul, Afeganistão, em setembro de 2005. Cerca de 12 milhões de votos foram depositados nas urnas nas eleições parlamentares e para os conselhos provinciais realizadas simultaneamente

# Centro-Sul da Ásia



©AP Images

O secretário de Estado adjunto para o Centro-Sul da Ásia, Richard Boucher, visita a ONG Salaam Baalak Trust, um abrigo para crianças de rua financiado pelo governo dos Estados Unidos em Nova Délhi, Índia, em agosto de 2006



©AP Images

Menina na escola pratica suas habilidades de redação em urdu, em uma vila de Bhair Sodian, no nordeste do Paquistão



©AP Images

Crianças jogam críquete por computador no “*Hole in the Wall*” (Buraco na Parede), um programa informal de ensino de informática patrocinado pela Escola da Embaixada Americana em parceria com a Associação Americana de Mulheres, organização não-governamental (ONG) indiana, e com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação

# Assuntos do Hemisfério Ocidental

Thomas A. Shannon Jr



Departamento de Estado dos EUA

Thomas A. Shannon Jr., secretário de Estado adjunto, Escritório de Assuntos do Hemisfério Ocidental

**P**assei 22 anos da minha vida no Serviço de Relações Exteriores, trabalhando na América Latina e na África. Sou o que chamam de diplomata “especializado em países em desenvolvimento”. Dediquei-me aos países em transição – países que lutaram para tornar a democracia real para o seu povo e oferecer a prosperidade e a segurança necessárias ao desenvolvimento humano.

Por causa dessa experiência, sei o que a democracia significa para as pessoas privadas de direitos civis ou privilégios. Sei o que a oportunidade econômica significa para os pobres e os excluídos. E sei o que a liberdade significa para os povos que tentam obter o controle dos seus próprios destinos. Vivenciei de perto o papel transformador que os Estados Unidos podem desempenhar durante essas transições.

Quando, a pedido da secretária Rice, retornei ao Departamento de Estado para assumir o cargo de secretário adjunto para Assuntos do Hemisfério Ocidental, fui incumbido da revitalização da nossa diplomacia, por meio da construção de parcerias novas e duradouras nas Américas e da articulação do compromisso do presidente com a liberdade individual e a justiça social.

Procurei cumprir essa missão implementando nas Américas uma agenda que fosse ao mesmo tempo direta e

abrangente: os Estados Unidos estão comprometidos em trabalhar com nossos parceiros nas Américas para consolidar a democracia, promover a prosperidade, investir nas pessoas e aumentar a segurança dos Estados democráticos do hemisfério.

Nossa política reflete uma agenda comum, elaborada no processo da Cúpula das Américas. Foi baseada em dois princípios norteadores, ambos consagrados na Carta Democrática Interamericana:

- Os povos das Américas têm direito à democracia e seus governos têm a obrigação de promovê-la e defendê-la.
- A democracia é essencial para o desenvolvimento social, político e econômico dos povos das Américas.

## CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA

As Américas têm um compromisso histórico com a democracia. Esse compromisso envolve mais do que um processo eleitoral. Engloba também os direitos e as liberdades fundamentais subjacentes às nossas sociedades abertas; as instituições e os procedimentos constitucionais que são a estrutura dos nossos Estados democráticos; o desenvolvimento de partidos políticos e sociedades civis que



©AP Images

Agricultor nicaraguense recebe atenção médica de reservistas do exército dos EUA em missão de ajuda humanitária a trabalhadores rurais em El Sol, Nicarágua, em julho de 2006

representam nossos cidadãos; e a governança democrática necessária para criar sociedades justas e igualitárias para todos os cidadãos.

Os Estados Unidos estão comprometidos com o fomento da governança democrática e com a proteção dos direitos e liberdades fundamentais nas Américas. Trabalhando bilateralmente – por meio dos nossos programas de ajuda externa e alcance diplomático – e multilateralmente – por meio da Organização dos Estados Americanos e outras instituições do Sistema Interamericano –, estamos ajudando nossos parceiros nas Américas a combater a pobreza, a desigualdade, a marginalização e a exclusão política. Estamos enfrentando a tirania, em especial em Cuba. E estamos trabalhando para assegurar que todos os povos das Américas tenham direito e capacidade de desfrutar e expressar sua cidadania em todas as suas dimensões: política, econômica e social.

### PROMOÇÃO DA PROSPERIDADE

As Américas estão vivenciando uma revolução de expectativas. As pessoas esperam que os governos democráticos sejam responsáveis e confiáveis e que proporcionem a todos os cidadãos os benefícios do livre

mercado, do comércio e da integração econômica. O acesso às oportunidades econômicas e a mobilidade social gerada são tidos como componentes fundamentais da justiça social.

Os Estados Unidos estão ajudando a criar oportunidades econômicas nas Américas por meio da nossa agenda do livre comércio, que atualmente engloba dois terços do produto interno bruto do hemisfério. Estamos também trabalhando por meio de nossos programas de assistência externa, em especial a Corporação Desafio do Milênio, para combater a corrupção, promover o Estado de Direito e criar o tipo de governança necessário para garantir que a oportunidade econômica não seja tragada pelas elites, mas, ao contrário, circule por toda a sociedade.

### INVESTIMENTO EM PESSOAS

As pessoas precisam de qualificação e habilidades para que possam aproveitar a oportunidade econômica. Pobreza, desigualdade e exclusão social impediram que muitos tivessem acesso às oportunidades nas Américas. Por meio da Cúpula das Américas, os líderes democráticos do hemisfério comprometeram-se a fornecer aos seus cidadãos as ferramentas que farão deles os agentes de seu próprio destino.

Os Estados Unidos, ao ajudar nossos parceiros a investir nas pessoas por meio de melhoria da educação e capacitação, assistência médica, acesso ao capital, infra-estrutura econômica e segurança para suas famílias, estão ajudando a desbloquear o enorme potencial das pessoas nas Américas. Nossa ação, mais uma vez, é canalizada através dos programas de ajuda externa e é reforçada pelo nosso compromisso com o Banco Interamericano de Desenvolvimento e outras instituições multilaterais de desenvolvimento.

## PROTEÇÃO DO ESTADO DEMOCRÁTICO

Em um hemisfério comprometido com a democracia, o livre comércio e a integração econômica, a principal ameaça não são mais os outros Estados. Ela parte de outros atores, como terroristas, traficantes de drogas e de seres humanos e do crime organizado. Vem também de desastres naturais e ambientais e de pandemias.

Os Estados Unidos, trabalhando por meio da Cúpula das Américas e da Organização dos Estados Americanos, ajudaram a redesenhar a agenda de segurança e as instituições do hemisfério. Construímos novas formas de cooperação que vão além da tradicional assistência nas áreas militar e de segurança. Por meio da cooperação entre a polícia e os



Foto: USAID/Jorge Vinuesa

Graças a um projeto de pequenos empréstimos da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) no Equador, Maria Isabel Coral pôde ampliar sua pequena loja e aumentar seus lucros, o que lhe permitiu custear o ensino superior de suas duas filhas



©AP Images

Negociadores trabalham no pregão de dólares futuros na Bolsa de Mercadorias e Futuros, em São Paulo, Brasil

serviços de inteligência, do aumento da comunicação entre agências de gerenciamento de emergências e desastres naturais e da melhor coordenação entre autoridades médicas e ambientais, estamos adquirindo capacidade de responder a novas ameaças. Estamos começando a entender a ligação entre segurança, nossa prosperidade econômica e a saúde das instituições democráticas. Estamos também construindo um hemisfério no qual as sociedades abertas são protegidas e resistentes.

Nossa agenda nas Américas é positiva, com foco nas pessoas e comprometida com nossos valores políticos, econômicos e sociais fundamentais. Baseada na cooperação e na colaboração, tem compromisso com o diálogo aberto com nossos parceiros e com as instituições do Sistema Interamericano que compartilhamos com as outras 33 nações democráticas das Américas.

Nossa agenda reconhece o poder de transformação da democracia. Entendemos o papel central que o desenvolvimento econômico e social desempenha na democracia e acreditamos que toda atividade política e social deve fortalecer e respeitar a dignidade humana e a liberdade individual. ■

Para mais informação, acesse:

<http://www.state.gov/p/wha/>

<http://usinfo.state.gov/wh/>

# Hemisfério Ocidental



©AP Images

Retratados aqui, após assinatura do Acordo Comercial EUA-Peru na Organização dos Estados Americanos (OEA), em abril de 2006, em Washington, D.C., estão (da esquerda para a direita) o então representante de Comércio dos EUA, Robert Portman, o ministro de Produção do Peru, David Lemor, o presidente peruano, Alejandro Toledo, a vice-representante de Comércio dos EUA, Susan Schwab, e o ministro de Comércio Exterior do Peru, Alfredo Ferrero Diez Canseco

A atriz mexicana Salma Hayek segura uma criança no colo enquanto conversa com jovens nicaraguenses durante visita à Fundação Quincho Barrilete em Manágua, na Nicarágua. Ela e a atriz americana Ashley Judd viajaram juntas para promover a iniciativa global denominada "YouthAIDS", programa para informar os jovens sobre o HIV/Aids



©AP Images



©AP Images

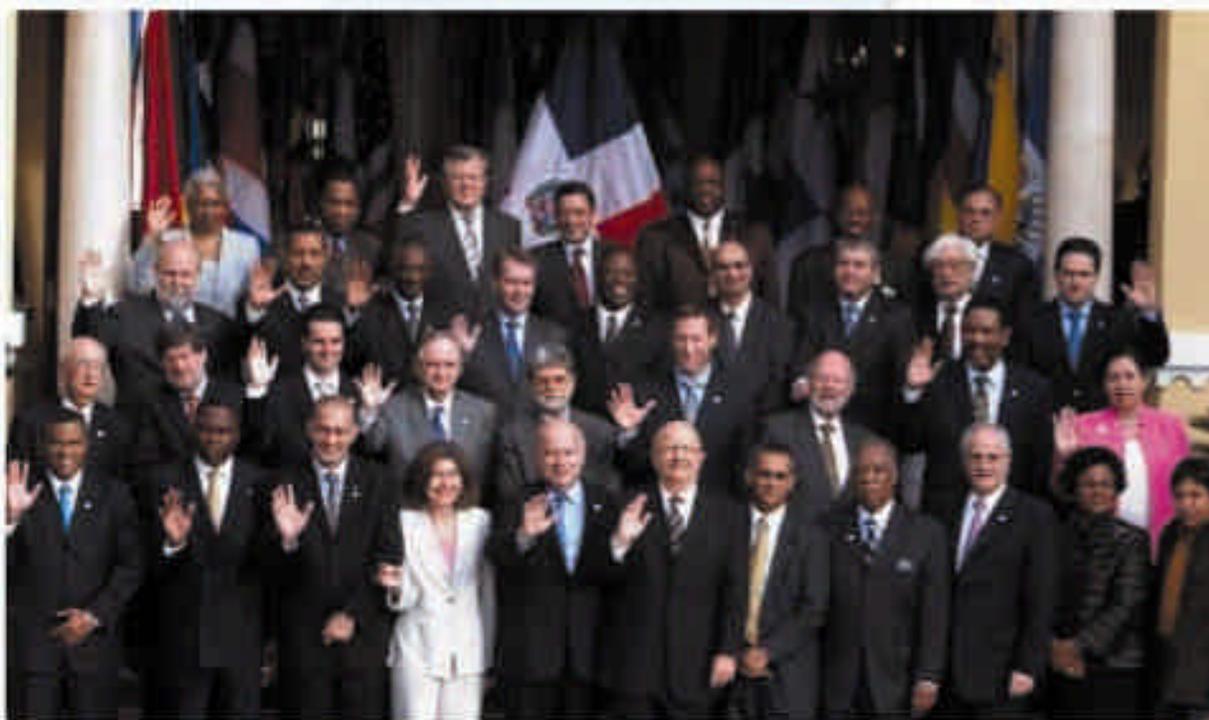
Integrantes das Forças Armadas dos EUA constroem escola em Honduras como parte das atividades da Novos Horizontes, uma força-tarefa conjunta para exercícios humanitários

# Hemisfério Ocidental

Nicaragüenses com familiares nos Estados Unidos agitam bandeiras americanas e da Nicarágua durante feriado comemorativo em Manágua, na Nicarágua



©AP Images



©AP Images

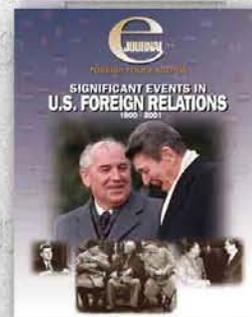
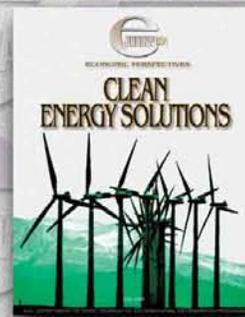
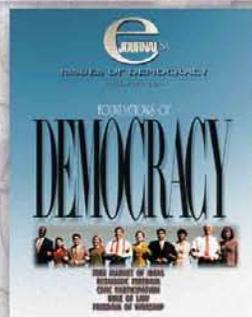
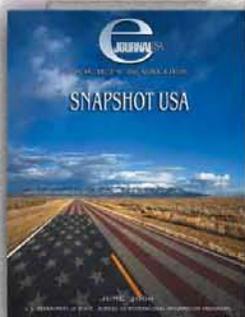
Embaixador John F. Maisto, representante permanente dos EUA na Organização dos Estados Americanos (OEA), está entre os participantes de 34 países na 36ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral do órgão interamericano em São Domingos, República Dominicana, em junho de 2006



## REVISTA MENSAL SOBRE OS EUA EM VÁRIOS IDIOMAS

Cinco edições temáticas :

Perspectivas Econômicas  
Agenda de Política Externa  
Questões Globais  
Questões de Democracia  
Sociedade e Valores



**VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM**  
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>